

RESUMO/ABSTRACT

O ETHOS EXÓTICO DO ESCRITOR ESTRANGEIRO

Um grande número de escritores vindos de várias partes do mundo tem se instalado na França e se tornado escritores franceses. O ethos prévio e o ethos discursivo desses autores apresenta, como um de seus componentes, o caráter exótico. A opção pela escrita em língua estrangeira, a imagem de não assimilado, a problematização das relações entre o estrangeiro e a língua francesa são alguns dos elementos que constroem o ethos desses escritores.

Palavras-chave: ethos, estrangeiridade, exotismo, campo literário

THE FOREIGN WRITER'S EXOTIC ETHOS

Many writers coming from many countries have moved into France and become French writers. These authors' prior ethos and their discursive ethos present the exotic condition as one of their components. The choice to write in a foreign language, the image of someone who refuses to become assimilated, the problematization of the relations between the foreign and the French language are some elements that construct these writers' ethos.

Keywords: ethos, foreignness, exotism, literary field

O ÉTHOS EXÓTICO DO ESCRITOR ESTRANGEIRO

Claudia Almeida

Professora Doutora da UERJ
cmp.almeida@yahoo.com.br

Conrad, Nabokov, Naipaul – eis três escritores conhecidos por terem conseguido migrar entre línguas, culturas, países, continentes, até mesmo civilizações. Suas imaginações se alimentavam do exílio, um alimento que tragavam não através das raízes, mas da falta delas. Minha imaginação exige que eu permaneça na mesma cidade, na mesma rua, na mesma casa, contemplando o mesmo panorama.

Orhan Pamuk (2007, p. 14)

O posicionamento de Orhan Pamuk diante dos movimentos migratórios de escritores parece vir na contramão do caminho seguido por muitos autores contemporâneos. A recusa explícita do deslocamento e a opção pelo enraizamento se manifestam na obra literária do premiado escritor pela temática recorrente – Istambul de ontem e de hoje – e pelas insistentes declarações de amor e de pertencimento à cidade. Ao destacar três autores que fazem do trânsito intercultural a matéria prima de sua escrita, Pamuk acentua a diferença de sua posição, sem, entretanto, estabelecer nenhum tipo de comparação entre as obras.

A postura de Pamuk, embora não seja única, não é majoritária na literatura contemporânea. Na verdade, deslocamentos geográficos e culturais têm sido cada vez mais comuns e se tornam particularmente visíveis na literatura por intermédio dos temas abordados pelos escritores que se desterritorializam. No campo literário francês, um movimento migratório em especial tem chamado a atenção dos pesquisadores e gerado uma produção literária e crítica cada vez mais comentada: trata-se dos escritores estrangeiros que se instalaram no território e na língua da França e que são cada vez mais identificáveis na literatura francesa. Esses escritores de alhures¹, ainda que não formem um grupo à parte, nem tenham recebido uma classificação específica nas livrarias, têm o estatuto de estrangeiro

¹ Adotamos a nomenclatura de André Brincourt (1997), pois ela vem sendo utilizada por outros pesquisadores franceses e já é amplamente conhecida.

que escreve em língua francesa. Estatuto esse que vem sendo progressivamente destacado e, em alguns casos, explicitamente reivindicado pelos escritores.

Além do fato de terem migrado para a França e adotado o francês como língua de escrita, alguns desses autores têm em comum o uso frequente de temáticas fortemente ancoradas no país natal, o que confere aos textos um caráter estrangeiro facilmente percebido pelo leitorado em geral. Na verdade, esses autores são reconhecidos como *estrangeiros que escrevem em francês*, que escolheram viver na França. A temática recorrente, tratada com a autoridade de quem conhece o ambiente por ter vindo de lá, é um elemento importante na imagem construída por esses autores junto aos leitores. Essa imagem, elaborada no texto e no peritexto, define um posicionamento particular no campo literário: não são escritores 100% franceses (embora a maioria tenha cidadania francesa), não são considerados francófonos (pois não vêm das ex-colônias e não se inserem nas discussões pós-coloniais), e não são totalmente estrangeiros (pois escrevem diretamente em francês). As negativas na definição desse estatuto corroboram as particularidades desses autores e apontam para um ethos diferenciado e problematizado, relacionado a uma visão de exotismo contemporâneo.

Buscando estudar alguns aspectos da construção do ethos de escritores de alhures na França, vamos refletir sobre três questões. Em primeiro lugar, vamos estudar o ethos prévio construído com elementos que remetem a um exotismo específico desses escritores. Num segundo momento, analisaremos a construção do ethos discursivo e sua relação com o ethos prévio. No terceiro momento, destacaremos algumas imagens das línguas estrangeiras, principalmente o francês, presentes nos textos desses escritores. Para concentrarmos nossa discussão, usaremos como corpus a obra literária de três autores: Andrei Makine, Daí Sijie e Vassilis Alexakis.

O ethos prévio: o estrangeiro exótico

As primeiras referências ao ethos são encontradas na *Retórica* de Aristóteles. Em seu texto, o filósofo define o ethos como a imagem do orador construída exclusivamente no discurso. Estudada pela retórica, pela sociologia e, mais recentemente, pela análise do discurso, a noção de ethos adquire contornos diferentes que, muitas vezes, se inter-relacionam. Dominique Maingueneau, em vários textos, discute a constituição do ethos, sempre articulada à cena da enunciação.

Em *Discurso literário: paratopia e cena da enunciação*, o linguista destaca o caráter híbrido da noção de ethos (sociodiscursiva) e a necessidade de distinguir o ethos discursivo do ethos prévio. Este último é constituído por um conjunto de características que o coenunciador atribui ao enunciador antes mesmo da enunciação. Essas características são identificadas a partir de dados fornecidos pelo próprio enunciador ou por outrem. Restringindo-nos ao texto literário, podemos afirmar que,

ao abrir o livro de um escritor conhecido, o leitor tem uma expectativa de leitura baseada no ethos prévio desse escritor. Posicionamento político, comportamentos em público, engajamento ideológico, são, por exemplo, alguns dados que fazem parte da construção do ethos prévio por parte do leitorado.

Os autores que estamos estudando neste texto são bastante conhecidos do público francês por já terem carreira sólida. Assim, o leitorado tem acesso a uma gama expressiva de informações sobre eles na imprensa escrita e falada. Os três escritores receberam prêmios literários importantes, o que faz com que cada novo livro lançado seja acompanhado de uma enorme publicidade. O fato de que a maior parte de seus livros seja publicada por grandes editoras – Stock, Seuil e Gallimard – contribui para a difusão das novidades.

Em grande parte das entrevistas concedidas pelos três autores, são tratadas as razões pelas quais eles escolheram a França como país de adoção e são discutidas as relações que estabelecem com seus respectivos países de origem. Essa curiosidade, aparentemente insaciável, confirma um elemento importante na composição da imagem desses escritores junto ao público: são estrangeiros na literatura francesa. A usual amabilidade com que essas perguntas são respondidas parece corroborar a primeira impressão: esses autores fazem questão de manter a imagem de estrangeiros.

Esse dado comum aos três é fundamental na construção do ethos prévio de cada um deles e define certa expectativa de leitura compartilhada pela maioria dos leitores que escolhem livros desses autores. Mais precisamente, esse ethos é pelo menos um dos elementos que determinam essa escolha. Pode-se dizer que o componente fundamental dessa expectativa de leitura é certo gosto pelo estrangeiro.

As representações do estrangeiro podem assumir várias formas, com aspectos positivos e/ou negativos. No caso desses escritores de alhures, a imagem produzida é bastante positiva: eles escolheram morar na França e escrever em francês sem perder sua identidade original, ou seja, aparentemente, não se assimilaram. Seus textos literários confirmam essa preservação das origens e oferecem ao leitor francês quadros e relatos bastante fiéis dos hábitos, comportamentos ou acontecimentos de seus países de origem. Assim, o ethos prévio desses escritores é fortemente marcado pelos traços de outra cultura que, na maioria das vezes, se mostra muito diferente da cultura francesa. Essa diferença remete ao conceito de exotismo e a algumas de suas revisões.

No começo do século XX, Victor Segalen refletiu a respeito da noção de exotismo e propôs mudanças importantes em sua conceituação. Para ele, trata-se, sobretudo, de “despojar a palavra exotismo de sua acepção somente tropical, somente geográfica.” (1986, p. 41). O escritor francês

² Todas as traduções foram feitas por mim.

recusa, pois, o sentido corrente que insiste nas imagens de natureza exuberante, cores vivas, sabores desconhecidos e, frequentemente, costumes associados a um estado próximo das condições primitivas da humanidade. Essa visão do exotismo, elaborada a partir de uma ótica eurocêntrica, destaca certas experiências sensoriais dos povos longínquos negando-lhes as capacidades intelectuais dos europeus. Esse significado do exotismo estabelece uma superioridade evidente entre os que pertencem ao centro e os que habitam ou vêm de países mais distantes.

Victor Segalen propõe a revisão dessa ideia e define a sensação de exotismo como “a noção do diferente; a percepção do Diverso; o conhecimento que alguma coisa não é o Mesmo.” (1986, p. 41). Essa redefinição substitui o julgamento de valor – segundo o qual aquele que identifica o exótico pertenceria a uma civilização superior – pela ideia de alteridade. O sujeito exótico é, pois, aquele que é reconhecido como diferente, mas essa diferença não supõe nem impõe nenhuma hierarquia entre ele e aquele que o reconhece como exótico. Consequentemente, as posições são intercambiáveis: o exótico é aquele que é diferente em certo meio; assim, em um país distante da Europa, é o europeu que é exótico (retomando um exemplo geográfico).

Em seu esboço de ensaio, Victor Segalen destaca ainda outro aspecto fundamental do reconhecimento do exotismo: “Só podem sentir a Diferença aqueles que possuem uma Individualidade forte. Em virtude da lei: todo sujeito pensante supõe um objeto, nós devemos admitir que a noção de Diferença implica imediatamente um ponto de partida individual.” (1986, p. 43). A consciência do exotismo pressupõe não um apagamento das características pessoais, mas justamente o contrário: um fortalecimento dos traços particulares. Não se trata mais de assimilação ou de rejeição; esse novo significado do exotismo implica o reconhecimento explícito da alteridade e da convivialidade na diversidade.

Os escritores que mencionamos são reconhecidos precisamente pela diferença: não são escritores originariamente franceses (embora seus livros sejam disponibilizados nas prateleiras de “literatura francesa”); também não são escritores francófonos (apesar de serem francófonos no sentido primeiro do termo, eles o são por escolha própria e não representam as tensões históricas entre colonizadores e colonizados). Sua diferença é percebida a partir de aspectos principalmente culturais, externos à história da França.

Na construção do ethos prévio exótico, o deslocamento e a instalação desempenham papel fundamental. De acordo com Jean-Marc Moura, “a inspiração exótica supõe uma certa atitude mental em relação ao estrangeiro, uma sensibilidade particular, desenvolvida no contexto de uma viagem.” (1992, p. 3). Essa atitude se caracteriza pela “busca de um objeto ou de um alhures cujos símbolos são eminentemente variáveis.” (MOURA, 1992, p. 3). Na grande maioria dos textos classificados como exóticos, o escritor parte para conhecer outros “mundos” e, quando retorna ao seu país natal,

se inspira de experiências pessoais e relatos ouvidos para mostrar esses outros “mundos” aos seus compatriotas, aos seus iguais. Ele escreve em sua própria língua, em seu próprio país, para um público que tem as mesmas origens que ele. Entretanto, para os escritores de alhures, o movimento é inverso: eles se deslocam, se instalam na França, escrevem na língua desse país, para o público francês. Escrevem justamente quando estão no estrangeiro e para estrangeiros. Seus textos também se baseiam em experiências pessoais e em relatos ouvidos, mas os escritores têm a autoridade daqueles que pertencem ao “mundo” que descrevem.

É verdade que, dentre os escritores de alhures, há os que vêm de bem perto, ou seja, da própria Europa, o que poderia desqualificar o uso do termo exótico, que prevê o olhar na direção de “mundos” longínquos, fora da Europa. Todavia, são os próprios escritores que se colocam distantes da Europa e recusam compartilhar um certo *acervo cultural comum europeu*. Em uma entrevista concedida ao jornalista e romancista Pierre Assouline, Andreï Makine tenta apontar as dessemelhanças entre as culturas francesa e russa: “A civilização russa é uma civilização muda. Provavelmente, isso está ligado à ortodoxia, uma confissão que se expressou por escrito muito menos do que outras. Com você é diferente, você pertence a uma cultura discursiva que muito cedo se preocupou em dominar o mundo.” (*apud* ARGAND, 2001). O escritor estabelece claramente a diferença entre sua própria cultura (russa) e a do entrevistador (francesa); *eu* e *tu* são diferentes desde a origem e carregam as marcas desse pertencimento. O entrevistador parece concordar com a diferença indicada pelo escritor, pois, na apresentação que faz, ele afirma:

Ele se mantém ao mesmo tempo reto e espinhoso na tundra, preocupado muito mais em ser claro do que em agradar. Andreï Makine vem de longe: da Sibéria, do stalinismo, da literatura concebida como uma ascese. Homem dos confins que viveu a experiência do extremo, homem de letras apaixonado pela cultura clássica, homem desenraizado sem eira nem beira a defender, Andreï Makine é um dos mais iconoclastas romancistas franceses.

Pierre Assouline sublinha a distância político-geográfica e confirma o distanciamento cultural que separa o escritor, enquanto estrangeiro, dele mesmo, francês genuíno. É importante destacar que a atribuição do adjetivo “desenraizado” a Makine corrobora a imagem de estrangeiro que não se assimilou (não se enraizou) e que se mantém, portanto, diferente do povo entre o qual escolheu viver. Essa distância cultural e a manutenção da estrangeiridade, indicada pelo escritor e reconhecida por, pelo menos, uma parte do público nos leva a insistir sobre o aspecto exótico desse ethos prévio de Andreï Makine.

Em relação a Vassilis Alexakis, podemos observar que, ao invés de distância, o ethos prévio destaca a ligação entre Grécia e França. O título da resenha escrita por Marianne Payot, redatora-chefe adjunta do serviço de livros da revista semanal *L'Express*, a respeito do último romance do escritor, *Ap. J.-C.*, publicada no site da TV5 Monde, põe em relevo esse elemento: “Vassilis Alexakis, o mais ateniense dos parisienses, faz as vezes de investigador sobre o monte Athos. Uma exploração edificante.” O jogo de palavras entre os dois adjetivos que indicam a cidade de origem do escritor explicita o duplo pertencimento: Alexakis não é somente francês, nem somente grego, mas traz as marcas das duas culturas.

O último parágrafo dessa resenha destaca o caráter estrangeiro da temática do livro: “Nada de pontificante nessa maliciosa viagem no tempo. Só o prazer, principalmente através de uma querela entre apóstolos da Grécia antiga e zeladores de Bizâncio, de escapar por um tempo do espelho franco-francês da estação literária.” (PAYOT). O conteúdo exótico é visto como o grande trunfo do texto e permite a evasão característica da literatura exótica.

Com uma obra literária quantitativamente menor do que a de Makine e Alexakis e uma carreira dupla (cineasta e escritor), Daí Sijie talvez tenha um ethos prévio menos elaborado (ou, pelo menos, divulgado). Entretanto, podemos observar em suas entrevistas, de forma recorrente, a explicitação do duplo pertencimento. À guisa de exemplo, transcrevemos um trecho da entrevista feita pela editora Gallimard e disponível em seu site, por ocasião do lançamento do livro *Par une nuit où la lune ne s'est pas levée* (2007):

No fundo, é um romance budista?

Dai Sijie — Não exatamente. Quando eu escrevi, não pensei nisso, pensei mais em homenagear uma língua. E como a estória acontece na China, porque é o país que eu conheço melhor, escolhi um texto budista, mas poderia ser qualquer outro texto antigo, europeu, cristão... Para mim, a questão essencial é outra: meus personagens estão entre duas civilizações e eu faço parte dessas pessoas agora. (GALLIMARD)

Dois aspectos merecem destaque na resposta do escritor. O primeiro consiste na ratificação de sua *autoridade* para falar/escrever sobre a China. O fato de ter nascido e vivido nesse país lhe garante o conhecimento necessário para relatar fatos ou costumes reais. Assim, o leitor de Daí Sijie poderia estar seguro de que a China descrita em seus livros não é produto de ficção, mas, sim, a retomada do real. A autoridade que sua nacionalidade e sua experiência lhe asseguram também confirmam sua estrangeiridade na França. Este é o segundo aspecto que nos chama atenção nesse trecho. Ao afirmar que está entre duas civilizações, o autor sublinha o fato de não pertencer mais inteiramente ao seu país

de origem e também de não estar totalmente assimilado ao país de adoção. A condição de mestiço (que assume explicitamente em outra entrevista) remete ao exotismo do país distante onde nasceu e a uma cultura bastante diferente da ocidental, onde vive atualmente.

O ethos prévio exótico contribui para a definição das posições ocupadas por esses escritores de alhures no campo literário francês. Tendo sido incorporados pela literatura francesa, aparentemente, eles não se queixam; praticando certo exotismo, eles se diferenciam dos escritores de origem francesa através de um retorno constante na escrita ao seu país natal, o que lhes garante a manutenção do status de estrangeiro e um ar nostálgico. As noções de exílio (e seu corolário, o asilo) e de desterritorialização associadas a esses escritores os transformam em exemplos da “hospitalidade francesa”, bem ilustrada na expressão “França, terra de acolhimento”, que vem atravessando os séculos.

Mas o ethos exótico se enquadra também em uma conjuntura mundial que destaca o apagamento das fronteiras e a construção de identidades múltiplas. Talvez seja prematuro falar em um renascimento do exotismo na literatura francesa, mas um evento cuja repercussão vem crescendo corrobora a atual vitalidade da busca do diferente em terras estrangeiras. Estamos falando do festival *Etonnants Voyageurs*, criado em 1990, em Saint Malo. Na *home page*, Michel Le Bris, escritor contemporâneo e diretor do festival, explica as razões de sua criação:

Etonnants Voyageurs e, como subtítulo, desde a primeira edição, em 1990, em forma de manifesto: “Quando os escritores redescobrem o mundo”. Para dizer a urgência, aos nossos olhos, de uma literatura de aventura, de viagem, aberta para o mundo, preocupada em dizê-lo – e que se acabe de uma vez por todas com as pretensões das vanguardas, com o peso das ideologias, o *umbilicalismo* pretensamente tão “francês”! Conduziamos essa convicção de que um novo mundo estava nascendo, diante de nós, sem mapas nem referências, e que cabia de novo aos artistas, aos criadores, aos escritores de nos dá-lo a conhecer, de nos restituir a palavra viva. Sem consideração de gêneros, romance, relato de viagens, HQ, ficção científica ou *roman noir*; só importavam essa alegria de se arriscar, esse “arrepio do de fora”, que é a marca das grandes obras quando o de fora da aventura é, primeiramente, o dos limites transgredidos. Era um sonho: hoje, é um movimento. Ao ponto que *Etonnants Voyageurs* se tornou provavelmente o primeiro festival do livro na França, ou, pelo menos, o mais original, atraindo grandes multidões. E que lugar se poderia imaginar para essa festa, a não ser Saint-Malo, a cidade corsária de onde partiram tantos e tantos aventureiros, exploradores e mercadores aos quatro ventos? (LE BRIS)

O “mundo” de que fala Michel Le Bris se instalou no Manifesto *Pour une Littérature-Monde* de 16 de março de 2007, no qual uma das questões defendidas pelos signatários é o fim da francofonia.

Ainda que a viagem não tenha como consequência natural uma visão exótica e, portanto, não produza necessariamente uma literatura exótica, este é um caminho muitas vezes natural dos escritores que buscam outros países e culturas. Seria necessário verificar em que medida esse ethos prévio exótico dos escritores de alhures poderia estar inserido em um movimento mais amplo no campo literário francês. Mas este será provavelmente o assunto de outro texto. Aqui, prosseguiremos o caminho traçado na Introdução e faremos algumas reflexões sobre o ethos discursivo dos escritores de alhures com o objetivo de verificar em que medida ele corresponde ao ethos prévio.

O ethos discursivo: a confirmação do exotismo

O ethos prévio exótico é retomado e confirmado pelo ethos discursivo, em graus diferentes por cada autor. Três elementos participam particularmente da construção do ethos discursivo exótico: a escolha da língua de escrita, a abordagem da temática do estrangeiro e a posição do narrador diante do outro e do mesmo.

A decisão de escrever em língua estrangeira pode ter motivações diversas, mas sempre está ligada ao exílio. Este também tem razões variadas, mas, no que toca aos autores que estudamos, o exílio é sobretudo uma consequência da situação política de seus países. Andreï Makine chega à França provavelmente em 1987³, no âmbito de um programa de intercâmbio de professores e não retorna mais à Rússia. Daí Sijie desembarca na França em 1984, como bolsista no Instituto de *Hautes Etudes Cinématographiques*. Tendo vivido a Revolução cultural na China (foi enviado para a “reeducação” em um vilarejo), ele também permanecerá em Paris a fim de escapar das restrições políticas da China. Vassilis Alexakis, o primeiro dos três a chegar, instala-se na França em 1967, na época da ditadura grega.

Andreï Makine e Vassilis Alexakis já tinham estudado a língua francesa antes de chegarem à França, mas não tinham domínio suficiente para escrever nessa língua. Dai Sijie declara que não conhecia o francês antes de estudar na França. A carreira literária em francês exige, pois, um estudo intenso ou suplementar. A aventura da escrita em língua estrangeira é um segundo movimento no exílio, geralmente feito alguns anos após a chegada do exilado.

Em um texto publicado originalmente em 1971, Georges Steiner estuda a “evolução dos modos como a cultura habita a linguagem desde 1890” e identifica “um aspecto surpreendente”: “a emergência do pluralismo linguístico em certos escritores por assim dizer *desalojados*” (STEINER, 2002, p. 12). A partir, principalmente, das obras de Nabokov e Beckett, o teórico sublinha que “nenhum exílio é mais radical, nenhum esforço de adaptação e de vida nova mais exigente” (STEINER, 2002, p.

³ A afirmação é modalizada porque o autor faz questão de manter um mistério sobre sua vida na Sibéria e sobre datas. O ano de 1987 é indicado em várias fontes como a época da chegada de Makine à França, mas alguns pesquisadores acreditam que ele possa ter chegado antes.

28). Em 2002, um outro livro, organizado por Robert Dion, *Ecrire en langue étrangère. Interférences de langues et de cultures dans le monde francophone*, destaca que “se encontra aqui em diante um grande número de escritores para os quais o francês constitui a única língua de expressão literária e que talvez não tivessem escrito em sua língua materna nem em seu país de origem” (p. 9). Nesses dois textos, separados por um intervalo de mais de 30 anos, os autores insistem sobre duas idéias bastante associadas à escrita em língua estrangeira: o exílio e a estrangeiridade.

O exílio é um elemento bastante presente na obra de Andreï Makine, em menor grau na de Daï Sijie e bem pouco na de Vassilis Alexakis. Já o sentimento de estrangeiridade é um tema comum que perpassa sistematicamente a obra dos três autores, visível, sobretudo, pelos desconfortos e pelas alegrias que a língua estrangeira provoca. No *Testament français*, o narrador adolescente (que, mais tarde, vai se tornar um escritor na França), evoca sua surpresa diante da língua francesa:

Nas anedotas francesas, com as quais eu divertia meus colegas, durante todo aquele ano, eu já tinha sentido o primeiro esboço dessa língua romanesca: não a tinha eu manipulado para agradar aos “proletários” e aos “estetas”? A literatura demonstrava ser uma surpresa permanente diante desse fluxo verbal no qual o mundo se dissolvia. O francês, minha língua “avomaternal”, era, eu agora percebia, essa língua de surpresa por excelência. (MAKINE, 1995, p. 271-272)

Surpresa, incerteza, hesitação, perplexidade: essas palavras demonstram as diferentes atitudes que tomam alguns escritores de alhures em relação à língua estrangeira. Essa estrangeiridade pode se transformar em exotismo quando o narrador destaca a diferença de pertencimento cultural. Em um trecho de Andreï Makine, podemos ver esse exotismo levado ao extremo:

Em uma poltrona, *ela*. Ainda um pouco distante – nós nos conhecíamos há apenas duas semanas. Algumas braçadas na espuma, alguns passeios à noite à sombra perfumada dos ciprestes. Alguns beijos. É uma princesa de sangue azul, dá para imaginar, Outkine! Ainda que ela não dê a menor importância para isso. Eu sou seu urso, o bárbaro vindo do país da neve eterna, um ogro! Isso a diverte... (1994, p. 14)

A imagem exótica evidente do narrador é reforçada pela exclamação dirigida ao amigo Outkine, na qual o estatuto da mulher é destacado. A princesa e o bárbaro, o civilizado e o selvagem são pinturas exóticas por excelência. É o próprio sujeito exótico que assume essa característica visto ser ele o *deslocado*. Essa imagem constitui a primeira apresentação de si mesmo que faz o narrador e indica desde o começo um ethos que, aliás, será confirmado em vários momentos ao longo do texto.

Quase tão explícita é a imagem exótica que constrói de si mesmo, Nikolaïdès, o narrador de *Mots étrangers*:

Assim que cheguei à oficina, no fundo de um pátio, reconheci Scarvélis. Ele era pequeno, atarracado, careca. Será que foi o bigode retorcido que permitiu que eu o identificasse? Ou talvez a marca deixada na parte inferior do rosto pela língua que temos o hábito de falar? O fato é que me dirigi diretamente a ele. (ALEXAKIS, 2002, p. 256)

Os traços físicos também acusam a diferença, embora aqui eles favoreçam o reconhecimento do mesmo. O narrador identifica seu compatriota pelo seu bigode e pelas marcas que a prática da língua grega teria deixado em seu rosto. O reconhecimento do mesmo pelo físico sublinha seu lugar exótico no meio dos habitantes da República Centro-Africana. A língua materna dos dois personagens se torna visível em seus rostos e colabora na construção do ethos exótico do narrador que, em seu texto, alterna o papel de sujeito exótico e o de sujeito que identifica (ou inventa?) o exotismo do outro.

O ethos discursivo é reforçado pela escolha das temáticas frequentemente ancoradas na cultura original. O narrador pertence a um mundo estrangeiro e o apresenta ao público francês sem intérprete, em língua francesa. Ele o faz, portanto, com conhecimento de causa. No texto de Andreï Makine, as paisagens características – descritas às vezes com muitos detalhes – acolhem personagens marcados pelo desejo de viver de outra forma e, muitas vezes, fora do país natal. O primeiro parágrafo de *Requiem pour l'Est* caracteriza bem essa idéia:

Sempre vivi com a certeza de que a casa que abrigou o amor deles e mais tarde meu nascimento estava muito mais próxima da noite e das constelações do que da vida desse imenso país do qual eles tinha conseguido fugir sem deixar o território. Esse país os cercava, cercava, mas eles estavam em outro lugar. E se ele os acabou descobrindo no recôndito dos bosques do Cáucaso, foi o acaso de um jogo de símbolos. (MAKINE, 2000, p. 13)

Nesse texto, o narrador retoma a história de seu avô e de seu pai, em uma União Soviética às voltas com a violência dos anos 20 e da Segunda Guerra Mundial. A ex-União Soviética é apresentada sobretudo no inverno, recoberta por uma espessa camada de neve que parece resfriar ainda mais os laços entre alguns personagens e seu país. O desejo de partir é irresistível. Instalado no estrangeiro, o imigrante se faz exótico pelas características de sua cultura que ele exterioriza. Em *Au temps du fleuve Amour*, após o relato da infância e da adolescência do narrador na glacial Sibéria e de sua partida,

vamos reencontrá-lo ainda sob a neve, mas, agora, nos Estados-Unidos, em uma espécie de “célula russa”:

Neva esta noite em Nova York. Ou talvez somente em Brighton Beach, esse arquipélago russo onde o giro branco reaviva tantas lembranças e enche de melancolia os olhos de todos esses filhos do falecido Império que encaham aqui ao chegar à terra prometida. (MAKINE, 1994, p. 253)

A nostalgia dos personagens sublinha seu caráter exótico. Cultivada, essa nostalgia se torna um traço intrínseco que acusa sua diferença, sua alteridade, sem implicar com isso o desejo de retornar às origens.

Nos textos de Vassilis Alexakis, a temática do estrangeiro, da Grécia especificamente, é sempre presente, mas tratada de outra forma. Na maioria das vezes, a ênfase exótica não é posta nos lugares, mas especialmente nos personagens. Dois exemplos nos parecem particularmente interessantes. O primeiro diz respeito ao narrador de *La langue maternelle*, que redescobre sua cultura e sua língua quando está longe de seu país:

Também foi em Paris que eu li Platão e alguns presocráticos. De tempos em tempos, eu folheava uma volumosa apresentação da mitologia grega. Cada uma dessas leituras renovava minha perplexidade: porque nós rejeitávamos tanto a aula de grego? (ALEXAKIS, 2006, p. 105)

Foi necessário que o narrador se deslocasse para que sentisse falta de sua língua materna e de suas referências culturais. É precisamente a partir dessa falta que ele toma consciência dos traços identitários ligados ao seu país de origem e cria outros. Retornando à sua pátria, ele se apropria novamente da língua grega por completo. Portanto, para ele, foi necessário partir de sua terra de origem para reconhecer sua diferença em relação ao grupo no meio do qual ele se instalou e para onde ele retorna. Essa consciência de sua estrangeiridade ancorada na cultura original o faz assumir plenamente o ethos exótico.

O segundo exemplo é retirado de *Mots étrangers*. Nesse texto, Nikolaïdès, o narrador, um duplo explícito do escritor, decide aprender uma língua africana e, depois, visitar o país onde ela ainda é falada. Sua escolha recai sobre o sango, uma das línguas oficiais da República Centro-Africana. Aqui, o estrangeiro na França vai procurar uma segunda desterritorialização, exótica por excelência: “A África me fascinava ainda mais porque eu a imaginava povoada por mulheres seminuas. Aliás, várias canções populares gregas evocavam a beleza das mulheres negras e as noites inebriantes dos trópicos.” (p. 16). Os estereótipos evidentes estão lado a lado de um outro que o é em menor proporção, ou seja,

o de aprender uma língua estrangeira pelo prazer de descobrir sonoridades e estruturas *realmente* diferentes. É verdade que esse desejo de ter contato com uma alteridade longínqua é motivado não apenas pelo percurso exótico do próprio escritor, mas também pela necessidade de falar da morte do seu pai em uma língua completamente estrangeira para ele. Teria sido insuportável exprimir o luto em sua língua materna ou naquela que ele conhecia bem demais para escapar das demonstrações talvez excessivamente efusivas de dor. Ele procura, pois, a evasão em uma língua outra, onde os limites de compreensão e a falta de intimidade lhe oferecem um terreno seguro.

Tanto nos textos de Makine quanto nos de Alexakis, a escrita salpicada de palavras estrangeiras, em itálico ou entre aspas, não deixa o leitor esquecer que se trata de textos escritos por estrangeiros cujas marcas culturais afloram e se impõem.

O ethos exótico que alguns autores estrangeiros constroem para si mesmos lhe garantiria posições definidas no campo literário francês. De acordo com Pierre Halen:

a trajetória desses escritores sempre os aproxima ao máximo do próprio centro, cujas virtudes intrínsecas eles vêm ilustrar: aquelas societárias, do acolhimento liberal que lhes é dado por uma capital cosmopolita. Aliás, eles são aceitos como estrangeiros sob essa condição: frequentemente, têm a obrigação de permanecer russo (Makine), tcheco (Kundera) ou argentino (Cortázar) e a crítica pode se mostrar dura quando eles esquecem o dever. (HALEN)

O ethos exótico é, pois, um elemento importante para definir um lugar no campo literário francês e não no sistema literário francófono. Mas também é um componente que demarca o espaço dos escritores de alhures em relação aos genuinamente franceses. Na verdade, todos são vistos como parte integrante da literatura francesa, mas os primeiros entraram no campo por questões políticas (que incluem naturalmente as dimensões comerciais): eles escolheram ser escritores franceses e não simplesmente escritores.

Representações da língua francesa

Nos textos de alguns escritores franceses de alhures, a língua do outro e os contatos entre línguas e culturas são temas recorrentes. Às vezes, a problemática da língua estrangeira é tão forte que é abordada no peritexto. Pode-se identificar algumas imagens das relações entre o escritor e a língua estrangeira e, mais especificamente, algumas imagens que se referem à língua francesa. Naturalmente, a frequência dessas representações é mais um elemento na construção do ethos exótico, que destaca, principalmente, as virtudes da língua francesa.

Nos três romances de Daí Sijie, encontramos personagens que estabelecem relações particulares com a escrita. Em *Balzac et la petite tailleuse chinoise*, os adolescentes descobrem um mundo de ideias oposto ao deles através da leitura de textos de Balzac traduzidos em chinês. Em *Le complexe de Di*, essa relação é discutida a partir do contato com o mundo francês pela mudança de domicílio do personagem Muo. Em *Par une nuit où la lune ne s'est pas levée*, trata-se da busca de uma língua desaparecida. Mas é sobretudo nas entrevistas que o autor expõe suas idéias referentes à sua condição de estrangeiro e às suas relações com a língua francesa:

O amor pela França, pela língua francesa, pela literatura francesa de fato faz parte da minha vida. Antes de estudar na França, eu só conhecia a tradução e não podia ler os autores no original. Gosto muito dessa língua e escrevi meu primeiro romance em francês para verificar, principalmente, se eu podia contar uma estória nessa língua. (*apud* JUNGERMAN, 2003)

Essa declaração de amor encontra ecos na atitude do narrador de *Balzac et la petite tailleuse chinoise*: para não correr o risco de perder as palavras de Balzac, ele decide recopiar trechos das obras e, na falta de papel, o faz na parte interna de seu casaco de pele de carneiro. A partir desse momento, ele tem contato físico permanente com o mundo apresentado no texto de Balzac e carrega consigo esse universo recém descoberto.

O amor pela língua e pela cultura francesas também é enunciado por Andreï Makine nas entrevistas e em sua obra. O estilo clássico reconhecido por uma boa parte da crítica é assumido pelo próprio autor. É justamente a palavra “clássico” que melhor sintetiza a imagem da língua francesa que constrói o escritor. Em *Cette France qu'on oublie d'aimer*, ele se queixa da “progressiva invasão de feiúra” que encontra na França atual e destaca os aspectos dessa cultura que o conquistaram:

Poderíamos continuar o exame do destino titânico do francês evocando as Luzes, o romantismo, os gigantes do século XIX. De qualquer forma, essa enumeração seria inelutavelmente lacunar, pois o poder com o qual o francês se apodera do real para pensá-lo, aclará-lo, sim, esse esforço hercúleo também é ilustrado nas ciências naturais, na história, na teologia, na oratória, no direito. (MAKINE, 2006, p. 61)

A precisão e a clareza da língua francesa são consideravelmente amplificadas pelas hipérboles do escritor. Esse estilo grandiloquente ecoa em um trecho do *Testament français*, que acrescenta uma característica à língua: uma sensibilidade extrema.

A língua, essa misteriosa matéria, invisível e onipresente, que alcançava por sua essência sonora cada recôndito do universo que estávamos explorando. Essa língua que modelava os homens, esculpia os objetos, escorria em versos, rugia nas ruas invadidas pelas mutidões, fazia sorrir a jovem tzarina vinda do fim do mundo... Mas, sobretudo, ela palpitava dentro de nós como um transplante fabuloso em nossos corações, já coberto de folhas e flores, trazendo em si os frutos de toda uma civilização. Sim, esse transplante, o francês. (MAKINE, 1995, p. 56)

A língua transplantada se torna parte integrante do corpo dos jovens russos que ouvem a avó ler estórias em sua língua materna, o francês. Esse novo órgão será responsável pela construção de uma visão de mundo na qual os valores franceses serão destacados. Para o garoto, esta será também, no futuro, a língua da partida e seu instrumento para se tornar escritor.

Bastante diferente é a abordagem que faz Vassilis Alexakis da problemática das línguas estrangeiras. Único, dentre os autores que mencionamos, a escrever nas duas línguas, o escritor grego sublinha, em primeiro lugar, justamente a natureza dialógica de seu bilinguismo:

Mas pode-se também considerar a passagem para uma nova cultura como uma homenagem feita ao espírito de abertura da cultura de origem. Eu nunca teria me adaptado tão bem ao francês se minha língua materna tivesse menos disposição para o diálogo. (ALEXAKIS, 2002, p. 139)

O aprendizado de uma língua estrangeira está, pois, definitivamente ligado às possibilidades de contato com o outro e com sua cultura. O escritor identifica na língua um caráter intrinsecamente dialético na medida em que recebe palavras estrangeiras e as integra ao seu corpo, estabelecendo trocas mútuas. Nesse espírito dialógico, o autor defende não apenas o plurilinguismo, mas, também, o não pertencimento da língua francesa ao povo francês. Não se trata de retomar a antiga idéia da universalidade do francês tal como a descreveu Rivarol. Trata-se de demonstrar que todos aqueles que o utilizam o enriquecem com suas contribuições e, por isso, a língua francesa também lhes pertence. Vassilis Alexakis apura ainda mais sua reflexão quando insiste no fato de que a língua não deve ser um elemento definidor da identidade francesa:

A língua francesa não tem dono. Um chinês que conhece bem essa língua – há um desses na Academia Francesa – tem tantos direitos sobre o francês quanto qualquer francês cujos ancestrais vivem neste solo há dezessete séculos! Praticando em minha obra um vai-e-vem permanente entre o francês e o grego, sinto a alegria de escrever em uma língua que não é a minha língua materna; ao mesmo tempo, me assusta que os

políticos deturpem assim a natureza da língua, fazendo com que o francês desempenhe um papel detestável, de atestado da identidade francesa. Eles deturpam a língua quando a utilizam como um instrumento para amordaçar as línguas regionais. Em nome da unidade, buscando suprimir a língua corsa, o basco, o bretão ou o ocitano, na verdade se prejudica o francês e seu esplendor. (ALEXAKIS, 2005)

Em *Les mots étrangers*, essa idéia é enunciada por Maria-Ange Mascaro, funcionária do Ministério de Relações Exteriores, que lamenta não ter estudado a língua corsa o suficiente para poder utilizá-la.

Ainda que o escritor não se considere francês, ele estima que a língua francesa também lhe pertence. Em 2007, quando foi divulgado o resultado do Grande Prêmio do Romance da Academia Francesa – o primeiro lugar foi concedido a *Ap. J-C*, Alexakis manifestou seu contentamento declarando que “se [eu] tivesse a possibilidade de escolher entre os Prêmios, escolheria este, pois é o mais ligado à língua francesa”. (ALEXAKIS, 2007). Entretanto, Nicolaïdès, o narrador de *Mots étrangers*, se mostra bastante hesitante no momento de arrumar o *Grand Robert* na prateleira. Objeto cobiçado há muito tempo, essa obra, receptáculo das palavras francesas e instituição legitimadora dos usos da língua francesa, o faz refletir sobre seus próprios direitos de utilizá-lo. Assim, a chegada dos nove volumes de capa verde provoca um abalo interior que vai se manifestar através de mudanças externas: julgando seu apartamento humilde demais para receber um dos símbolos da língua francesa, ele vai repintá-lo e comprar uma nova estante e um novo sofá para ficar à altura de receber o recém-chegado.

No momento de arrumar os volumes, naturalmente em uma prateleira exclusiva, o escritor se coloca novamente a questão e precisa de uma justificativa para cada volume:

Quando chegou o momento de arrumá-lo, me perguntei se tinha realmente o direito de me apropriar do *Grand Robert*. Lembrei-me do pequeno dicionário francês-grego que tinha na minha bagagem quando cheguei a Paris, pois sua capa também era verde. Eu o usava com tanta frequência que em poucos meses as manchas escuras eram visíveis. Ele me ajudava a decifrar o jornal que eu lia rigorosamente toda noite. Será que eu me via como um guerreiro investindo contra a língua francesa? O jornal diário que eu comprava com mais frequência era o *Combat*. “Não preciso mais do dicionário francês-grego”, pensei. Eu me permiti então arrumar o primeiro volume. (ALEXAKIS, 2002, p. 100)

Apesar dos anos mergulhado na sociedade francesa e de alguns livros escritos diretamente nessa língua, o narrador ainda hesita diante da carga simbólica do *Grand Robert*. O que faz com que se decida a possuí-lo de fato é a afirmação de sua autonomia em francês: se ele não precisa mais de dicionário bilíngue, então é capaz de usar essa língua como se ela lhe pertencesse e, conseqüentemente,

tem o direito de possuir o edifício que abriga suas palavras. A hesitação do narrador e o ritual seguido para arrumar os volumes na estante corroboram seu estatuto de estrangeiro que não se sente francês, que não se assimilou.

A estrangeiridade explícita se apresenta como um elemento importante na construção do ethos prévio e do ethos discursivo dos escritores de alhures na França. Dois aspectos do ethos prévio merecem destaque especial. Em primeiro lugar, a insistência no fato de que esses escritores fizeram a opção pela França. Geralmente alvo de algum tipo de perseguição em seus próprios países, eles buscam asilo onde a liberdade de expressão lhes seja assegurada. A escolha da França contribui para reforçar a ideia desse país como uma “terra de acolhimento” que, em oposição à pátria dos asilados, garante oportunidades de trabalho com a escrita sem nenhum tipo de censura. Vassilis Alexakis, Andreï Makine e Daí Sijie começaram e construíram a carreira literária na França. Alexakis escreve em francês e em grego e publica seus textos na Grécia, desde que a ditadura acabou. Andreï Makine escreve somente em francês e não autoriza a tradução de seus textos em russo. Daí Sijie escreve somente em francês e seus livros são censurados na China. Assim, a condição de escritor se estrutura no país que os acolheu.

O reconhecimento pela recepção francesa poderia ter transformado esses escritores em *naturalizados*. Entretanto, eles insistem em demonstrar que permanecem com fortes ligações culturais e/ou afetivas com a terra de origem. Este é o segundo aspecto a ser destacado no ethos prévio: esses escritores não se apresentam como assimilados, mas, ao contrário, consolidam a imagem de estrangeiros, nostálgicos em certa medida, sem, contudo, o luto da origem. A terra-mãe é o tema principal de suas obras, mas não há desejo de retorno. O exílio na França parece ser uma escolha definitiva.

Ao assumir e incorporar o ethos de estrangeiro, esses autores se aproximam da imagem do exótico, na medida em que marcam sua diferença em relação aos franceses. Esse exotismo não tem nenhuma conotação pejorativa. Trata-se, na verdade, de expor traços culturais que remetem claramente aos países de origem e destacam elos e diferenças entre as culturas. O escritor estrangeiro não se apresenta como um porta-voz, mas, sim, como uma voz que vem de fora e que é ouvida, respeitada e admirada; um elemento que não pertence originariamente ao campo literário francês, mas que se posiciona dentro desse campo e a ele é incorporado.

O ethos discursivo não apenas corrobora o ethos prévio, mas, também, amplia o retrato do estrangeiro. A problematização do uso da língua estrangeira e suas consequências – que vão da recusa à admiração – torna-se um *leitmotiv* nos textos desses escritores. O sentimento de ser estrangeiro em uma comunidade francófona, as possibilidades abertas pelo domínio da língua francesa, as relações entre compatriotas unidos pelo prazer de falar em língua materna, o direito ou não de se apropriar da língua francesa, os contatos com a cultura francesa são algumas das situações desenvolvidas na obra literária desses autores.

Em todos os textos desses escritores, a ação se desenrola em território estrangeiro – a terra natal

do autor – ou remete a fatos e aspectos intrinsecamente ligados a essa terra. Descrições detalhadas, relatos fiéis, anedotas curiosas aproximam o leitor desses países. A cultura estrangeira invade o texto e se torna um componente importante do ethos do narrador (invariavelmente estrangeiro). Alguns personagens ilustram o desenraizamento, outros a tensão entre o mesmo e o outro. O exotismo se torna visível através do contraste entre o estilo de vida francês e hábitos, costumes e tradições culturais ligados às raízes dos narradores (que coincidem com as dos autores). O caráter exótico se configura como uma opção daqueles que não querem se assimilar, mas, sim, viver com o outro, mantendo uma individualidade fortemente ancorada na origem que foi abandonada em definitivo.

A estabilização do estatuto de estrangeiro se torna um elemento diferenciador entre escritores genuinamente franceses e escritores de alhures e tem consequências na organização das posições do campo literário francês. A inclusão de dados autobiográficos dos escritores no texto literário, na maioria das vezes relacionados aos narradores, contribui para a construção do ethos exótico. Exotismo este que atende à expectativa de um público que busca uma diversidade tingida pelo insólito e pela surpresa. Numa época em que o conceito de fronteira se relativiza e fluidifica, os deslocamentos territoriais, culturais e linguísticos desses escritores interferem diretamente nas posições do campo literário. Na verdade, esses escritores caracterizados pelo *não – não* franceses, *não* francófonos etc. – estabelecem relações diferenciadas no campo a partir de posicionamentos flexíveis, característicos da contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- ALEXAKIS, Vassilis. *Les mots étrangers*. Paris: Stock, 2002. (Coll. Folio)
- _____. *La langue maternelle*. Paris: Stock, 2006 (première version publiée chez Fayard, en 1995).
- BRINCOURT, André. *Langue française, terre d'accueil*. Paris: Ed. Du Rocher, 1997.
- DION, Robert et alii. (dir.). *Ecrire en langue étrangère*. Interférences de langues et de cultures dans le monde francophone. Québec: Nota Bene, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Le discours littéraire*. Paratopie et scène d'énonciation. Paris: Armand Colin, 2004.
- MAKINE, Andréï. *Au temps du fleuve Amour*. Paris: Editions du Félin, 1994. (Coll. Folio)
- _____. *Le testament français*. Paris: Mercure de France, 1995. (Coll. Folio)
- _____. *Requiem pour l'Est*. Paris: Mercure de France, 2000. (Coll. Folio).
- _____. *Cette France qu'on oublie d'aimer*. Paris: Flammarion, 2006.

MOURA, Jean-Marc. *Lire l'exotisme*. Paris: Dunod, 1992.

PAMUK, Orhan. *Istambul*. Memória e cidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

SEGALIN, Victor. *Essai sur l'exotisme*. Paris: LGF – Livre de Poche, 1986.

STEINER, Georges. *Extraterritorialité*. Paris: Calmann-Lévy, 2002 (trad. Française / publication originale 1971).

Sitografia

ALEXAKIS, V. Après V. A. In: *Evène.fr*. Novembro de 2007. <http://www.evene.fr/livres/actualite/interview-vassilis-alexakis-ap-jc-1074.php> Consultado em 12 de setembro de 2008.

ALEXAKIS, Vassilis. L'exception française: il faut renouer avec les Lumières, sinon... In: *Marianne2*. 5 de julho de 2008.

http://www.marianne2.fr/L-exception-francaise-Il-faut-renouer-avec-les-Lumieres,-sinon-_a89058.html Consultado em 12 de setembro de 2008.

ARGAND, Catherine. Andreï Makine. *Lire*, février 2001. <http://www.lire.fr/entretien.asp/idC=39033/idTC=4/idR=201/idG> Consultado em 15 de agosto de 2008.

GALLIMARD. <http://www.gallimard.fr/catalog/entretiens/01058735.HTM>

Consultado em 15 de setembro de 2008

HALEN, Pierre. Notes pour une typologie institutionnelle du système littéraire francophone. In: <http://www.limag.refer.org/Textes/Halen/Riesz.PDF> Consultado em 13 de julho de 2007.

JUNGERMAN, Nathalie. *Entretien avec Daï Sijie*. 4 de setembro de 2003. http://www.fondationla-poste.org/article.php3?id_article=505 Consultado em 13 de setembro de 2008.

LE BRIS, Michel. <http://www.etonnants-voyageurs.net/> Consultado em 13 de setembro de 2008.

PAYOT, Marianne. *Ap. J.-C., de Vassilis Alexakis*. http://www.tv5.org/TV5Site/litterature/critique-622-vassilis-alexakis_ap-jc.htm Consultado em 19 de fevereiro de 2009.

Recebido em 20 de março de 2009

Aprovado em 27 abril de 2009